

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (12.: 2014: São Paulo)

Anais da XII JORNADA APOIAR: A CLÍNICA SOCIAL - PROPOSTAS, PESQUISAS E INTERVENÇÕES realizada em 5 de Dezembro de 2014 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2014

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-59-9

1. 1 1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Direitos Humanos

4. Clínica I. Título.

RC467

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-86736-59-9



LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: OFICINA SER E FAZER PARA PAIS

SARA INNARELLI FERREIRA

SHAIENIE MONISE LIMA

TANIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo o estudo da potencialidade mutativa de um enquadre clínico diferenciado, de caráter coadjuvante, por meio do qual visamos beneficiar adultos que buscaram atendimento psicológico para seus filhos. Trata-se de dispositivo concebido a partir da constatação de que muitas vezes os adultos, que se distanciam de suas memórias relativas a estas fases da vida, tendem a tornar-se de certo modo menos sensíveis e compreensivos na relação com os filhos. Define-se, clinicamente, a partir do convite aos participantes de trazerem objetos de algum modo relacionados à sua história de vida, como criança e adolescente, e ao oferecimento de materiais gráficos, mediante os quais podem ser realizados desenhos e colagens. Articula-se metodologicamente, como estudo de caso, ao redor da consideração da participação de uma mãe, em Oficina Ser e Fazer de Lembranças de Infância e Adolescência, cujas sessões foram registradas sob forma de narrativas transferenciais, consideradas à luz do Procedimento de Ambrosio e Vaisberg, forjado para o acompanhamento de intervenções clínicas e de entrevistas de pesquisa. Deste modo foi possível detectar uma mudança significativa, que se expressou como trânsito entre dois campos de sentido afetivo-emocional, a partir dos quais emergiram dois diferentes posicionamentos, de autodesvalorização e de valorização afetiva e respeitosa de si mesma. O quadro geral permite afirmar que a paciente logrou beneficiar-se e que tais benefícios alcançaram favoravelmente a relação com o próprio filho, convergindo com pesquisas anteriores que vem apontando na mesma direção.

Palavras-chave: enquadres clínicos diferenciados, estilo clínico Ser e Fazer, oficinas psicoterapêuticas de criação, avaliação de resultados terapêuticos, psicologia clínica.

A presente comunicação diz respeito a uma pesquisa sobre a potencialidade mutativa de um enquadre diferenciado, a oficina psicoterapêutica de criação, utilizada em clínica-escola para atendimento de pessoas que buscaram atendimentos para seus filhos. Insere-se, portanto, como iniciativa, de caráter coadjuvante, que visa complementar um projeto de cuidado psicológico, segundo uma visão winnicottiana, que valoriza a ação do ambiente no processo de amadurecimento emocional (Winnicott, 1984).

A proposição e estudo da eficácia clínica de enquadres diferenciados nos parece iniciativa bastante oportuna, por mais de uma razão. Trata-se, num sentido mais amplo, de esforço de criar modalidades de atendimento que se revelem mais produtivas diante das formas que o sofrimento emocional vem assumindo no mundo contemporâneo. Afinal, as queixas neuróticas dos tempos inaugurais da psicanálise freudiana parecem ter se tornado mais raras, enquanto outras formas de apresentação de sofrimento emocional, que parecem resistir a um enfoque individualizante e intimista, têm surgido muito mais frequentemente na clínica contemporânea. Aiello-Vaisberg (2001).

Por outro lado, a proposta de oficinas psicoterapêuticas visa contribuir para o aprimoramento de um dispositivo que, a nosso ver, merece ser revisto: a clínica-escola universitária dos cursos de graduação em psicologia. Tais instituições apresentam um valor inegável no processo de formação do psicólogo. Contudo, seguem ainda um modelo que se assemelha a um conglomerado de salas de atendimento, que imitam consultórios particulares destinados a atendimentos individuais, principalmente de crianças. Assim, fundamentam-se num pressuposto segundo o qual existiriam “crianças-problemas” que poderiam ser curadas brincando uma vez por semana com um psicólogo, cabendo aos pais ou responsáveis simplesmente trazê-las para as sessões. Ora, esta visão é absolutamente discutível do ponto de vista teórico, como se pode facilmente concluir pelo estudo de psicanalistas contemporâneos, dentre os quais destacamos Winnicott (1965), pela ênfase com que demonstra a importância do ambiente no amadurecimento da criança. Se não deixa de satisfazer, pelo menos transitoriamente, o compreensível desejo dos pais de obter uma espécie de solução mágica para os sofrimentos próprios e de seus filhos, esta visão não faz sentido quando admitimos que o psicológico não corresponde a um reino descolado da realidade relacional, que tem lugar no cotidiano, em contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos específicos. Se o odontopediatra pode, até certo ponto, abstrair molares cariados de uma vida cotidiana em que falham cuidados parentais, para efetuar uma obturação – já antevendo com tristeza que os hábitos de higiene comprometerão a saúde bucal em pouco tempo, o psicólogo não tem o que abstrair. Neste contexto, a mera cogitação de “aumento de resiliência” diante de ambientes tóxicos, corre o risco de inadvertidamente pecar contra a ética humana, desrespeitando inclusive o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (Brasil,1990). Deste modo, ao propor Oficinas Psicoterapêuticas Ser e Fazer de Lembranças de Infância e Adolescência para pais e responsáveis, esboçamos um gesto importante no sentido de quebrar a lógica dominante, segundo a qual a clínica-escola de

psicologia tem perdurado. Envolvermos os adultos, numa linha aparentemente descolada das queixas específicas que formulam em relação aos filhos, promovendo, segundo uma visão winnicottiana brincante, uma reaproximação sensível do modo de ser e da sensibilidade das crianças e adolescentes, o que favorece mudanças no ambiente familiar.

Estratégias Metodológicas : Procedimentos Investigativos

Temos realizado investigações sobre eficácia clínica de enquadres diferenciados usando um procedimento de acompanhamento de intervenções clínicas, que se mantém rigorosamente alinhado aos princípios do método psicanalítico (Ambrosio,2013). Tal convergência se deve ao fato deste se basear fundamentalmente na consideração de campos transferenciais, também conhecidos como campos de sentido afetivo-emocional.

Um posicionamento científico que valoriza o intercâmbio com pesquisadores qualitativos, que adotam diferentes abordagens teóricas, exige que procedamos a formas de operacionalização do método psicanalítico que facilitem esta comunicação. Por este motivo, temos organizado nossas pesquisas sobre eficácia de intervenções na clínica psicológica em termos da distinção entre os seguintes procedimentos: 1) procedimentos investigativos de configuração do acontecer pesquisado; 2) procedimentos investigativos de registro do acontecer pesquisado; 3) procedimentos investigativos de interpretação do acontecer pesquisado e 4) procedimentos investigativos de apreciação de trânsito entre campos de sentido afetivo-emocional interpretativamente produzidos. Este conjunto de procedimentos compõe o Procedimento de Ambrosio e Vaisberg (Ambrosio,2013). Note-se que esta proposta tanto permite aferir a ocorrência de mudanças como compreender como estas se dão – ou eventualmente não se dão. Deste modo, apresenta nítida vantagem em relação ao estudo exclusivo de depoimentos dos próprios pacientes ou ao uso de escalas ou métodos projetivos, que podem avaliar o “antes” e o “depois”, mas não o próprio processo psicoterapêutico. Em contraposição, o procedimento que adotamos permite a simultânea consideração do processo, em si mesmo, e das mudanças que este favorece.

Em investigações sobre a potencialidade mutativa de intervenções clínicas, a **configuração do acontecer clínico** coincide com o próprio *objeto* de estudo. No presente caso, estudaremos sessões de atendimento em oficinas psicoterapêuticas Ser e Fazer, realizadas com co-terapia por duas estagiárias, em estágio de finalização do curso de graduação. Neste caso, usamos, como mediação, a solicitação aos participantes, de trazerem objetos e lembranças de suas infâncias e adolescências. Escolhemos nos referir a este atendimento como Oficina de Lembranças porque este termo se associa tanto a objetos tangíveis como a memórias. Focalizaremos, no presente estudo, a participação de uma das pacientes.

Considerando que todos os encontros inter-humanos, como sessões de terapia, são ocorrências que, dando-se no tempo, têm caráter necessariamente evanescente, cuidamos de elaborar **registros do acontecer clínico** que pudessem ser revisitados. Para isso, lançamos mão de narrativas transferenciais, que são confeccionadas de memória após as sessões, caracterizando-se pelo fato de abranger tanto “o que aconteceu” durante o encontro como impactos afetivo-emocionais vivenciados pelas psicólogas (Aiello-Vaisberg et al,2009). Este procedimento vem sendo usado produtivamente em várias pesquisas, tais como Corbett (2014), Cia (2014) e Barcelos (2014), entre outras.

Produzimos **interpretações do acontecer clínico** por meio de leitura das narrativas, em estado de atenção flutuante e de cultivo da associação livre de ideias, o que permite a produção interpretativa de campos de sentido afetivo emocional. Aqui seguimos as palavras de ordem de Fabio Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”. Por este caminho, chegamos aos campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emergem diferentes condutas. Tais campos, também conhecidos como inconscientes relativos, têm caráter relacional, vincular, constelando-se *entre* pessoas e não em interioridades psíquicas, concebidas como mundos internos descolados da vida relacional.

Finalmente, quando criamos mais de um campo afetivo-emocional, a partir da consideração do acontecer clínico à luz do método psicanalítico, podemos iniciar um trabalho de **apreciação de trânsito entre os campos**. Tal apreciação sempre se fará à luz do referencial teórico utilizado pelo pesquisador, pois considerar que este ou aquele trânsito correspondem ao alcance de benefícios ou, ao contrário, a pioras eventuais,

depende diretamente da antropologia – visão de homem – e da psicopatologia – visão do sofrimento a partir das quais se desenvolvem os enfoques teóricos.

Narrativas do Acontecer Clínico: Apresentando Margarida¹⁹

Na presente pesquisa, vamos abordar o processo vivido por uma das pacientes, cujo segundo filho, de oito anos de idade, foi encaminhado para atendimento psicológico em virtude de dificuldades de aprendizagem. Trata-se, como sabemos, de um tipo comum de queixa, que muito frequentemente não reflete limitações da criança e sim deficiências comuns na escola pública brasileira. Esta mãe foi entrevistada no início dos atendimentos e vem recebendo atenção individual, enquanto a criança segue recebendo tratamento ludoterapêutico. Foi convidada para frequentar a Oficina Ser e Fazer de Lembranças de Infância e Adolescência, devidamente esclarecida quanto ao fato de que este tratamento não teria caráter obrigatório, vale dizer, de que não deixaria de ter a criança atendida caso optasse por também frequentar a oficina.

As sessões foram realizadas em co-terapia. Após cada encontro, as estagiárias elaboraram narrativas transferenciais sobre o acontecer clínico. Para efeitos de pesquisa, realizamos um recorte privilegiando a participação de uma única paciente, tendo em vista alcançar um nível mais profundo de compreensão. Recortadas as participações da paciente escolhida, passamos ao trabalho interpretativo de criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos: “ escola como lugar de humilhação” e “escola como lugar de consideração”.

Campos de Sentido Afetivo Emocional

Durante os atendimentos de Margarida, pudemos criar/encontrar dois tipos de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos: “escola/ humilhação” e “escola/realização”. Estes campos alternaram-se ao longo dos atendimentos, mostrando

¹⁹ Conforme costume consagrado, usamos nome fictício protegendo a privacidade da paciente. Também modificamos detalhes que possam facilitar sua identificação.

que a experiência escolar é vivenciada a partir de sentimentos ambivalentes. Neste momento, a bem da clareza, limitar-nos-emos a enunciar e definir os campos, ou inconscientes relativos, bem como a apresentar trechos de narrativas que ilustram os tipos de condutas emergentes destes campos. Claro que muitas outras comunicações, acerca de outras questões de vida – tais como sexualidade e erotismo, relação pais e filhos, insegurança financeira, e outras, também apareceram ao longo das sessões. Entretanto, a intensidade do material ligado às vivências escolares, já mobilizadas pelo encaminhamento do filho ao atendimento psicológico em função de dificuldades escolares, explica porque este material se revelou altamente pregnante.

O primeiro campo, “escola/humilhação”, organiza-se ao redor da crença de que a escola seria um espaço de revelação da inferioridade de muitos.

O segundo campo, “oficina/ valorização”, organiza-se ao redor da crença de que a escola seria um espaço que propicia realização pessoal.

Podemos citar, como condutas emergentes do primeiro campo a seguinte passagem, na qual registramos parte de uma sessão:

Quando pequena, Margarida tinha muito medo de ir para a escola, pois ia sozinha por um longo caminho. Todo dia na escola, ficava pensando sobre os perigos de voltar para casa, o que a deixava muito ansiosa. Disse que naquela semana estava pensando muito sobre esse tempo e que chegou a uma conclusão, que nunca tinha pensado antes. Contou que tinha amizade com uma das vizinhas, mãe de uma colega, para quem chegou a confessar que tinha muito medo de ir para a escola, pois achava que alguém poderia lhe causar algum mal. Essa vizinha era casada com um homem negro, pelo qual a menina sentia muito medo. A partir do dia que ela contou sobre esse sentimento para a vizinha, sempre que passava pelo trecho que mais tinha medo, ela começou a encontrar o marido de sua vizinha sentado em um tronco de árvore. Isso a deixava com mais medo ainda. O medo de Margarida era tão grande que durante as aulas ficava pensando sobre o mal que poderia lhe acontecer, o que a deixava muito desatenta em relação à explicação da professora. Esta, por sua vez, chamava-a de “astronauta”. Ela não entendia porque a professora a chamava assim. Até que um dia teve coragem e perguntou por que seria astronauta. A professora rindo lhe respondeu que era porque ela vivia no mundo da lua. Margarida até hoje lembra que a sala inteira riu dela. Essa professora parecia oprimi-la muito. Disse que sempre lhe chamava atenção e às vezes batia nela e a colocava de

castigo. Contou que certo dia, o diretor foi visitar a sala de aula. O costume era que todos os alunos permanecessem sentados na carteira, enquanto ele passava por todos os corredores contando quantas crianças estavam presentes. Um pouco antes de o diretor entrar na sala, Margarida tinha levantado do seu lugar para apontar o lápis, diante do cesto que ficava num dos cantos da sala. Neste exato momento, o diretor abriu a porta e entrou na sala. Margarida, que acabou ficando atrás da porta, que permaneceu aberta, ficou fora de seu campo de visão. O diretor começou a contagem e, ao dar-se conta da falta de um aluno, repreendeu a professora na frente das crianças, envergonhando-a. Assim que o diretor saiu da sala, a professora bateu na cabeça de Margarida com uma régua. Sua força foi tanta que a menina sentiu-se tonta. Enquanto contava essa história, a paciente dramatizava toda a cena. Levantou-se da cadeira e começou a teatralizar, abrindo a porta, mostrando como o diretor entrou na sala de aula e como a professora bateu nela. Contou a história de modo emocionado e envolvido, ao narrar parecia reviver estas situações.

Podemos citar, como condutas emergentes do segundo campo, “oficina/valorização” a seguinte passagem:

Margarida entrou na sala muito animada carregando consigo uma cartolina enrolada. Disse que naquele dia estava levando um cartaz e gostaria de saber o que achávamos daquilo. Abriu a cartolina sobre a mesa e contou que havia feito aquele desenho no final de semana. Ficamos surpresas e imensamente felizes com sua produção. O cartaz estava inteiramente coberto por desenhos que expressam uma enorme riqueza de detalhes, de vivências, memórias, histórias e lembranças de sua infância na fazenda. Observamos cada detalhe, cada desenho e cada pintura e pedimos para ela contar cada parte de sua arte – no que nos atendeu visivelmente feliz. Margarida começou contando que as oficinas têm feito com que tenha muitos pensamentos e reflexões fora de lá e, por isso, no final de semana, decidiu colocar no papel tudo o que tem pensado e vivenciado. Contou que, como fica em casa nos finais de semana, decidiu dedicar-se a este trabalho para ter tempo de nos trazer na quarta-feira. Disse que ligou uma música, abriu a janela, sentiu o vento batendo em seu rosto e começou a desenhar. Comentou ainda que, como ficou muito tempo envolvida com o trabalho, seu filho de dezessete anos sempre se aproximava interessado em saber o que estava fazendo. Em uma das vezes, quando foi elogiada por ele, disse ao filho: “está vendo filho, como a

mamãe é útil e faz coisas bonitas?”. Seu filho, tentando reparar suas falas que sempre desmotivaram sua mãe, disse a ela que tudo o que diz é brincadeira e ela deve entender isso para levar na esportiva. Disse ainda: “as psicólogas vão ficar muito felizes, mamãe!”

Interlocuções Reflexivas

É interessante notar que este cartaz, trazido como uma lição de casa preparada com muita motivação, tanto retratava aspectos gratificantes da vida, como lembranças de momentos difíceis – tal qual o tronco onde o senhor negro temido costumava sentar-se. Lembrou-se dos dias de sol, lembrou-se das chuvas, lembrou-se dos tempos em que não tinha acesso a *shampoo* para lavar a cabeça.

Vale ainda destacar que, finalizada a apresentação do cartaz, a paciente considerou importante declarar que é uma pessoa fechada, que sempre acaba não se expondo tanto quando percebe que as pessoas com quem dialoga estão em um nível muito acima do dela. Acha que não consegue falar de um modo bem correto e que isso a leva a se sentir inibida muitas vezes, dependendo do local e das pessoas. Afirmou estar surpresa por estar conseguindo contar suas histórias e lembranças e falar com tranquilidade, na oficina. Acha que isso ocorre porque todas estão no mesmo nível, o que a leva a perceber que não há tanta diferença, julgamento e detenção do conhecimento de apenas uma das partes.

Interessante destacar que esta mãe, que trazia um filho sobre o qual pairava uma suspeita de incapacidade pessoal para a aprendizagem formal, pôde, depois de alguns encontros, perceber que chegara ansiosa, desmotivada, improdutiva e inútil – digna mãe, portanto, de uma criança institucionalmente apontada como incompetente para o aprendizado.

Assim, não nos surpreendemos quando soubemos que criou, em casa, um novo método de estudo para o filho- cópias de textos de sua própria cartilha, que ela mesma se encarregou de supervisionar. A proposta foi mal recebida, inicialmente, pela criança. Entretanto, ao saber que se tratava de um livro especial, da cartilha antiga de sua mãe, o filho mudou inteiramente sua perspectiva, acolhendo-a com entusiasmo e colocando-a em prática. Este novo hábito tem ensejado muitas conversas entre mãe e filho, que surgem a

partir dos assuntos que emergem nas diversas lições da cartilha. Poder responder às perguntas do filho inaugurou um novo tipo de diálogo, respeitoso e carinho, entre ambos.

Este atendimento traz elementos importantes para pensarmos sobre as frequentes queixas relativas ao mau desempenho escolar de crianças. Certamente, o estudo de vários pesquisadores, entre os quais destacamos Patto (1987) demonstra que o chamado “fracasso escolar” corresponde a um fenômeno complexo e multifacetado que não pode ser reduzido a dificuldades “internas” da criança. Entretanto, o que parece óbvio para o pesquisador está longe de ser superado na vida escolar, onde as crianças não são consideradas respeitosamente para se tornarem vítimas de humilhação constante. Muitas vezes, a humilhação é infligida diretamente pelos próprios professores. Tal fenômeno, entretanto, não deve ser compreendido, do ponto de vista blegeriano, como mera exteriorização da “maldade” dos adultos, mas como emergente de campos relacionais que, por seu turno, inserem-se em contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos que lhes emprestam uma configuração que pode fazer da escola um espaço de maus tratos psicológicos.

Ora, esta humilhação, como vemos no presente caso, pode ser transmitida transgeracionalmente. A menina que não aprendia por medo de fazer o trajeto, de casa até a escola da roça, vai sentir-se igualmente humilhada quando a escola aponta que seu filho não consegue aprender. Encaminhando a criança para a instituição clínica, fica referendada a incompetência individual do aluno – facilmente associada a deficiências e limitações da família, enquanto a própria escola inocenta-se do problema.

Ora, o que presenciamos foram dois movimentos. O primeiro deles consistiu na confiança sentida para trazer, dramaticamente, vivências infantis de humilhação. Convidada, como as demais participantes, a lembrar-se de suas infâncias e adolescências, sem estarem focadas em pensar e conversar sobre os problemas dos filhos que geraram encaminhamentos, esta mãe “distraiu-se” suficientemente para poder deixar emergir uma questão fundamental: o sentimento de humilhação.

Acolhida respeitosamente, na medida em que compete ao terapeuta Ser e Fazer prover um *holding* adequado às necessidades emocionais (Aiello-Vaisberg,2003), esta mulher foi capaz de viver algo “*que não aconteceu mas deveria ter acontecido*” – máxima fundamental da perspectiva winnicottiana. Em outros termos, viu-se numa nova “escola” que lhe permitiu comunicar-se, criar, elaborar espontaneamente uma “lição de casa” e

fazer de seus encontros com o filho, ao redor de sua própria cartilha, momentos de conversa afetuosa e respeitosa, das quais o menino saía satisfeito por aprender não só o significado da palavra “xale”, mas histórias sobre xales e avós, sobre a família, sobre os tempos antigos...

Finalizamos deixando claro que de modo algum pretendemos resolver os inúmeros questionamentos que este caso suscita. Entendemos que a proximidade entre pais e filhos, na valorização da aprendizagem e da instrução é indispensável, mas pode e deve se fazer de diferentes modos, segundo as diversas situações. Contentemo-nos, aqui, num artigo voltado ao estudo sobre potencialidade mutativa de enquadres diferenciados, a serem usados em clínica-escola, a pontuar com convicção, que espaços sociais onde grassa humilhação constituem-se em verdadeiro caldo de cultura para sofrimento emocional importante, cujos desdobramentos podem originar violência explícita.

Referencias Bibliográficas

AMBROSIO, F.F. (2013). O Estilo Clínico “Ser e Fazer” na Investigação de Benefícios Clínicos de Psicoterapias. Tese de Doutorado. Campinas, PUC-Campinas.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2003). Ser e Fazer: Interpretação e Intervenção na Clínica Winnicottiana. *Psicologia-USP*, 14 (1), 95-128.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2001). A Função Social da Psicologia na Contemporaneidade. Conferência de Abertura do I Congresso de Psicologia Clínica, realizado entre os dias 14 e 18 de maio de 2001, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo –SP. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/viewFile/1103/814>

AIELLO-VAISBERG, T.M.J et al. (2009). Les Recits Transferenciels comme Presentation du Vecu Clinique: Une Proposition Methodologique. D. Beaune et T. Ayouche In *Psychanalyse, Philosophie et Art*. Paris, L’Harmatann.

BARCELOS, T.F. (2014). A Historia da Menina-Morta: (Des)Esperança de Adolescentes em Situação de Precariedade Social. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

BLEGER, J. (1963) *Psicologia de la Conduta*. Buenos Aieres, Paidos, 2001.

BRASIL. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n 8069 de 13 de julho de 1990.

CIA, W.C. (2014). Sonho Desfeito: Anencefalia e Experiência Emocional dos Pais. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

CORBETT, E. (2014). Contos Sem Fadas: Mães e Filhos em Situação de Violência Doméstica. Tese de Doutorado, Campinas, PUC-Campinas.

HERRMANN, F. (1979). O Método da Psicanálise. São Paulo, EPU.

PATTO, M.H. (1987). A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia. Tese de Livre Docência. São Paulo, Universidade de São Paulo.

WINNICOTT, D.W. (1965) Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Trad. de Irineu Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.